

## O LIMITE DA LUDICIDADE: AMBIENTE HISTORIFICADO CONTRA AMBIENTE REPLICANTE

THE LIMIT OF PLAYFULNESS: HISTORIFIED ENVIRONMENT VS. REPLICATING ENVIRONMENT

LO LÍMITE DEL JUGUETE: ENTORNO HISTORIADO VS. ENTORNO REPLICADO

Ítalo Salomão Ribas<sup>1</sup>  
Regina de Jesus Almeida<sup>2</sup>  
Vanessa Novaes Toda<sup>3</sup>  
Janaína Ribeiro da Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** A importância da educação infantil para o desenvolvimento humano se mostra algo latente, mesmo considerando que a discussão remonte teóricos com grande difusão no século XX, tais como Lev M. Vigotsky e Jean Piaget. Pois, o tecido social mundial se mostra edificado sobre tensões econômicas, políticas e jurídicas, em que pesam convulsões diversas atreladas ao existencial egocêntrico agressivo vivido no capitalismo em prol do mercado, e, a resistência exercida pelos movimentos da ciência histórica na luta pela construção de uma emancipação humana para além do capital - incessantes conflitos violentos eclodem de tempos em tempos, centrados nas relações de trabalho da maturidade humana, prejudicando especial atenção à infância. Após momentos históricos de intensificação da tendência imperialista globalmente desde a antiguidade até o século XXI, em breve síntese, das cruzadas e o medievo da Igreja Católica Romana, do colonialismo histórico e a escravização Africana, duas guerras mundiais e a complexidade entre fascismo e capitalismo, da liga das nações e a ONU (organização das Nações Unidas) e seus desdobramentos para sedimentação mundial capitalista, e, da propagação de conflitos regionais no laço imperialismo capital, ditaduras oligárquicas e guerra armada civil ou entre nações, as atenções restaram voltadas para sujeitos em sua fase de adaptação à estrutura produtiva (adolescência ou adulta), trata-se de uma disputa pela cooptação das massas operárias. Assim, no contemporâneo, destacam-se tempos de pós-verdade, imbricados com o século XXI, insta certa tensão sobre às subjetividades - uma existência fundada na efemeridade biográfica (egocentrada) em detrimento da memória da humanidade, assim, degradando o tempo histórico. Do que, a desmobilização do egocentrismo nas massas maduras tem se mostrado algo dificultoso à vanguarda da educação resistente e revolucionária, levando à percepção do adoecimento dos sujeitos diante da incompreensão da realidade para além do efêmero vivido. Portanto, observa-se a necessidade de um retorno à educação infantil, e, provocar reflexão sobre as possibilidades ali residentes em potência.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Ciência Histórica. Efemeridade.

<sup>1</sup>Doutorando em educação - PPGE/UDESC (Universidade do estado de Santa Catarina).

<sup>2</sup>Mestrado em educação - PPGE/UDESC (Universidade do estado de Santa Catarina).

<sup>3</sup>Mestrado em educação - PPGE/UFPR (Universidade Federal do Paraná).

<sup>4</sup>Especialista em educação infantil - UNIASSSELVI (Centro Universitário Leonardo da Vinci).

**ABSTRACT:** The importance of early childhood education for human development is evident, even considering that the discussion goes back to theorists who were widely disseminated in the 20th century, such as Lev M. Vygotsky and Jean Piaget. This is because the global social fabric is built upon economic, political, and legal tensions, weighed down by various upheavals linked to the aggressive, egocentric existence experienced in capitalism in pursuit of the market, and the resistance exerted by historical science movements in the struggle for human emancipation beyond capital – incessant violent conflicts erupt from time to time, centered on the labor relations of human maturity, hindering special attention to childhood. Following historical periods of intensified global imperialist tendencies from antiquity to the 21st century—in short, from the Crusades and the medieval period of the Roman Catholic Church, historical colonialism and African enslavement, two world wars and the complex relationship between fascism and capitalism, the League of Nations and the UN (United Nations) and their developments in the consolidation of global capitalism, and the spread of regional conflicts within the framework of capitalist imperialism, oligarchic dictatorships, and armed civil or international warfare—attention has focused on individuals in their adaptation phase to the productive structure (adolescence or adulthood). This involves a struggle for the co-optation of the working masses. Thus, in contemporary times, the post-truth era, intertwined with the 21st century, creates a certain tension regarding subjectivities—an existence founded on biographical ephemerality (egocentric) to the detriment of humanity's memory, thereby degrading historical time. Furthermore, dismantling egocentrism in mature masses has proven difficult for the vanguard of resistant and revolutionary education, leading to the perception of a illness in individuals due to a lack of understanding of reality beyond the ephemeral experience. Therefore, there is a need to return to early childhood education and to provoke reflection on the potential possibilities that lie within it.

**Keywords:** Early childhood education. Historical Science. Ephemerality.

**RESUMEN:** La importancia de la educación infantil para el desarrollo humano es evidente, incluso considerando que el debate se remonta a teóricos de gran influencia en el siglo XX, como Lev Vygotsky y Jean Piaget. Esto se debe a que el tejido social global se sustenta en tensiones económicas, políticas y legales, lastrado por diversas convulsiones vinculadas a la existencia agresiva y egocéntrica propia del capitalismo en la búsqueda del mercado, y a la resistencia ejercida por los movimientos de la ciencia histórica en la lucha por la emancipación humana más allá del capital. De vez en cuando, estallan conflictos violentos incesantes, centrados en las relaciones laborales de la madurez humana, lo que dificulta la atención especial a la infancia. Tras periodos históricos de intensificación de la tendencia imperialista global desde la antigüedad hasta el siglo XXI —en resumen, desde las Cruzadas y el periodo medieval de la Iglesia Católica Romana, el colonialismo histórico y la esclavitud africana, las dos guerras mundiales y la compleja relación entre el fascismo y el capitalismo, la Sociedad de Naciones y la ONU (Naciones Unidas) y su desarrollo en la consolidación del capitalismo global, y la propagación de conflictos regionales en el marco del imperialismo capitalista, las dictaduras oligárquicas y las guerras armadas civiles o internacionales— la atención se ha centrado en los individuos en su fase de adaptación a la estructura productiva (adolescencia o edad adulta); se trata de una lucha por la cooptación de las masas trabajadoras. Así, en la actualidad, la era de la posverdad, intrínsecamente ligada al siglo XXI, genera una tensión en torno a las subjetividades: una existencia basada en la fugacidad biográfica (egocéntrica) que perjudica la memoria de la humanidad y, por ende, degrada el tiempo histórico. Además, el desmantelamiento del egocentrismo en las masas adultas ha resultado difícil para la vanguardia

de la educación resistente y revolucionaria, lo que ha llevado a la percepción de trastornos patológicos en los individuos debido a la falta de comprensión de la realidad más allá de la experiencia vivida y efímera. Por consiguiente, es necesario un retorno a la educación infantil, que invite a reflexionar sobre las posibilidades que encierra.

**Palabras clave:** Educación infantil. Ciencia histórica. Efimeridad.

## I. INTRODUÇÃO: a educação infantil como emergência

Atualmente, tem se tornado cada vez mais necessário investigar a educação infantil para além de sua dimensão assistencial de acolhimento e cuidado. Isto é, ultrapassando a compreensão limitada à oferta de espaços destinados apenas à convivência das crianças, limitação que pode ser superficialmente lida como práticas estritas à preservação da integridade física e inserção nos aspectos morais circulantes como senso comum - na ausência dos responsáveis legais. Reconhecendo esta fase do processo educativo como um espaço formativo fundamental para o desenvolvimento humano em potência.

A infância, ainda se mostra latente, perante a compreensão desta como uma construção histórica e social, determinada pelas condições materiais e pelas relações sociais de cada período histórico, nesse sentido, as crianças não podem ser entendidas como sujeitos abstratos e universais, mas como sujeitos concretos, situados em uma totalidade social específica na complexidade do tempo histórico.

Conforme Pasqualini (2009), reconhecer a historicidade da infância é fundamental para compreender que as crianças são sujeitos históricos, produtores e produto de seu tempo. De acordo com Almeida (2025) essa compreensão evidencia que o desenvolvimento infantil está intrinsecamente vinculado ao contexto social, econômico, e, projeções culturais na qual a criança está inserida, sendo o ambiente educativo um espaço decisivo na constituição das subjetividades e na formação do ser social.

A constituição histórica da educação infantil está diretamente relacionada às transformações sociais decorrentes do desenvolvimento do capitalismo, da urbanização e da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Inicialmente, as instituições destinadas à infância assumiram caráter predominantemente assistencial, voltadas ao cuidado das crianças das classes trabalhadoras.

Conforme Almeida (2025), essas instituições surgiram vinculadas às iniciativas assistenciais e filantrópicas, evidenciando que, desde sua origem, a educação infantil esteve inserida em um contexto de disputas sociais. Ainda conforme Almeida (2025) esse processo

culminou no reconhecimento da educação infantil como direito social a partir da Constituição Federal de 1988, consolidando a educação como dever do Estado e direito da criança.

A concepção da área educacional como ciência encontrou no século passado, e, encontra atualmente fundamentos sociológicos para análise e crítica do processo educativo em um complexo econômico (a que se destina o conhecimento), político (forças ideológicas que moldam e modulam a organização do conhecimento) e jurídico (normas legitimadas e coercitivas). Assim, ocorre intensa disputa realizada pelas classes sociais incessantemente, situacional que encontra concentração na seara do ensino e aprendizagem atinentes às idades de proximidade/imersão do sujeito para com a estrutura produtiva – no interior do capitalismo e suas renitentes crises, trata-se de uma educação estritamente mercadológica.

Porém, a profundidade científica do processo educativo absorve o laço das ciências antecessoras em interconexões, ou seja, da filosofia e da psicologia que de forma nenhuma podem ser dissociadas da sociologia, em uma tensão pelo estudo do desenvolvimento humano. Do que, o agravamento das crises sociais no século XXI se mostra atrelado a um agravamento do sofrimento psíquico das massas populares, com um perdimento da potência filosófica nos sujeitos, e, um submetimento voluntário à conservação daquilo que está posto, mesmo que aquilo posto seja o cerne geracional da angústia existencial.

4

Por conseguinte, resta observar que da complexidade exposta, a educação infantil surge como campo carente de especial atenção, pois, se torna necessário avaliar o sofrimento e o submetimento para além do currículo destinado aos jovens em uma conformação profissional mercadológica. E, assim, alcançar uma avaliação sobre como as mentes são previamente preparadas para a aceitação do conformismo futuro, disto, pontua-se a infância como passagem biográfica indispensável à geração de conformidades.

Para tanto, a tensão de interesse nesta proposta de provocação se trata inicialmente de reconhecer o problema, e, instigar reflexão sobre como romper com uma educação infantil utilitária, ou seja, preparatória para com a conformidade que se levanta de um tecido social fundado na crise existencial em propagação.

## 2. DA PERCEPÇÃO DO AMBIENTE: brincadeira e personalidade

Da Teoria Histórico Cultural, em que instam Vygosty (2007) e Leontiev (2004), se mostra fortalecida a análise que investiga a personalidade humana como um processo histórico, como é possível observar em Duarte (2004) e Facci (2004).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento infantil deve ser compreendido como um processo socialmente determinado. Conforme denota Almeida (2025), a infância não pode ser entendida como uma etapa natural e universal do desenvolvimento humano, mas como uma construção histórica mediada pelas relações sociais e pelas condições materiais de existência.

Dessa forma, o ambiente educacional constitui um espaço de mediação fundamental na constituição da consciência e na formação do ser social. Histórico, uma vez que as referências incorporadas pelos sujeitos ao longo de suas trajetórias biográficas têm origem nas experiências humanas acumuladas ao longo do tempo, nas quais os instrumentos produzidos socialmente e os significados a eles atribuídos são transmitidos de geração em geração.

Processo de produção social de instrumentos que modificam/transformam as relações humanas incessantemente, estas transformações revelam relações produtivas em movimento historicamente. Movimento que alcança o contemporâneo diante de novas perspectivas do contexto atual, forjando o presente, e, assim, tais relações e perspectivas impactam nas subjetividades dos sujeitos.

Destarte, as subjetividades, enquanto um campo de absorção de referenciais e o forje da personalidade, sofrem o impacto do presente na medida de múltiplas determinações históricas (relações produtivas e perspectivas) que permeiam o ambiente acessado e vivido pelos sujeitos. Tais múltiplas determinações geram afetividades, desejos e repulsas, e, assim, estruturam o ser social em capacidades emocionais/analíticas, e, de criação e crítica em sua formação. Ou seja, forjam a personalidade humana à certa época contextual no processo histórico, forjam a personalidade individual na medida dos impactos no dia a dia das vivências.

No tocante à educação infantil, em que a linguagem não esteja desenvolvida, ou, plenamente desenvolvida, em que a comunicação se mostra algo incipiente, e, a afetividade ocupa um cerne central para o desenvolvimento da racionalidade futura, a atividade de brincar concentra um processo cognitivo de replicação de padrões de comportamento, advindos do ambiente vivido. E, tais padrões atacam os sentidos das crianças em punções de desejo ou repulsa, assim, edificando estruturas afetivas que conduzirão perspectivas racionais futuras.

Do que, destaca-se que o desenvolvimento humano não se trata de um estrito ou uma supervalorização do biológico e genético, centralidade encontrada em Piaget (1976), mas ocorre uma determinação histórica e cultural inevitável, que se mostra o cerne da condição humana.

Esta determinação conduz a um ser social, em que o biológico e o genético atendem ao processo produtivo exercido por este ser (ocorrem reproduções através dos padrões sociais replicados, por exemplo, em brincadeiras no caso da infância).

Da Infância não se torna estranho reconhecer que pulsa grande importância ao ambiente vivido pela criança, claramente não se trata de um idealismo do controle sobre as experiências vividas, mas, o exercício de construção de referenciais disponíveis que valorizem certa intencionalidade emocional.

Intencionalidade que colabore para o desenvolvimento futuro da racionalidade reflexiva e crítica do ser, neste desenvolvimento insta uma educação voltada para a potência humana.

De tal forma, a brincadeira se encontra mergulhada em complexidades ambientais, e, tais complexidades podem perceber um trabalho destinado ao desenvolvimento afetivo não conformista.

Ou seja, não linear no preenchimento de critérios, mas, na percepção do diverso, das regularidades, das não regularidades, do que existe e não existe, perceber a complexidade ambiental, e, depois, perceber a complexidade da existência, não temê-la e sim investigá-la.

Neste sentido, a questão da intencionalidade que permeia o ambiente educacional, a brincadeira intencional, inevitavelmente alcança o lúdico intencional. Desta ludicidade, é possível destacar a necessidade da alimentação de um coletivo e da comunicação como algo indispensável, positivamente valorado, gerando um desejo pelo entendimento, pelas trocas, pela vida solidária.

Sendo, na perspectiva da provocação aqui posta, a perda do coletivo e da comunicação na ludicidade o limite ao lúdico. Limitação que procura evitar a propagação de um brincar aparentemente sem intencionalidade, porém, que em profundidade replica o senso comum, o caráter egocêntrico circulante na modernidade e pós-modernidade, ancorado no eu em detrimento dos outros. Ainda, apresentando profundidade ao coletivo e à comunicação, coletivo não se refere estritamente à formação de rodas e compartilhamento de afetos nas trocas biográficas imediatas. Se refere a um coletivo historicizado que desperta afetos pelo conhecer o mundo e seu processo complexo de desenvolvimento.

Ou seja, ambientes recheados de referências Históricas, Étnicas, Culturais, Científicas, em torno do que na fase madura, juventude ou adulta, abre caminho para olhares investigativos que considerem as contradições, as diferenças, o movimento mundial histórico, em detrimento de um desejo pelo imutável. Em detrimento da verdade das verdades.

Troca-se o incentivo a um pensamento linear por um incentivo à consideração das complexidades, dos contrários, da vida em incessante movimento e transformação, em que muito não é contínua e sim originária de rupturas epistemológicas e na materialidade vivida.

Esta afetividade pelo movimento, pelo complexo, alimenta o pensamento coletivo no tempo e no espaço para a humanidade, ou seja, histórico (observando contextos e suas expressões, rupturas e continuidades entre o passado e o presente). E, assim, o ser social consciente de sua ontologia.

Em que as respostas, e, as dúvidas, atendem a um sujeito histórico, pela verdade histórica, e, não verdades conformistas geradas na superfície do presente, presente que precisa justificar sua existência e permanência.

A comunicação se mostra um laço indispensável para o desenvolvimento futuro da linguagem e do diálogo, porém, uma comunicação alinhada com o coletivo temporal e espacial, assim, as palavras encontram uma materialidade na vivência, e, a vivência está sofrendo os impactos do movimento humano.

Disto, gerar um desejo pela comunicação se torna um desejo pela vida conjunta, e, alimenta a capacidade de ouvir e ser ouvido, trocando as experiências biográficas, e, localizando similitudes e diferenças. Tais similitudes e diferenças produzem questionamentos, busca para transformar a convivência pela compreensão do outro em sua existência histórica, e, assim, abrem possibilidades de olhar para o coletivo no tempo histórico.

Por fim, este processo que impõe à ludicidade uma limitação pela intencionalidade para além da coexistência afetiva imediata das crianças, impõe ambientes provocadores, e, pretende gerar brincadeiras que incorporem padrões de desenvolvimento não linear, carece neste momento de maiores explicações sobre a sua condição existencial não conformista economicamente, politicamente e juridicamente.

Pois, como ressaltara Freire (2019), educar não encontra neutralidade, educar é uma ação em meio a complexidade social vivida, e, tal complexo gesta intenções, inevitavelmente, expostas em um currículo, expostas em uma fala do professor, expostas em teorias de ensino.

Neutralidade nada mais é que um senso comum, conformador pelo que existe, justificador do que existe, e, por assim, uma concepção conservadora. Disto, tamanho apelo a uma educação de verdades imutáveis, que rejeitam o movimento histórico, rejeitam a transformação.

Ademais, é preciso tensionar qual a intencionalidade da neutralidade senso comum no complexo vivido, e, tensionar que certas afetividades produzem ambientes replicadores da ordem social que procura preservação, procura conservação, quando da aplicação na educação infantil.

## 2.1 Do estrutural e superestrutural

Sobre o desenvolvimento deste artigo, neste momento de resgate teórico dos fundamentos da Teoria Histórico Cultural, surge a necessidade de duas colocações: não se mostra intenção esgotar a temática na contemporaneidade, e, sim, propor provocação aos professores e alunos sobre o situacional exposto; por conseguinte, com a intenção pragmática de facilitar o caminho à discussão, destacam-se fundamentos centrais advindos de Marx (2004) para o laço social econômico, político e jurídico (complexidade sociológica no Capital), Vygotsky (1997) no tocante ao desenvolvimento social da mente (complexidade psicológica), e, Leontiev (2004) conforme o desenvolvimento social da personalidade (complexidade psicológica e alienação patológica), e, demais autores que possibilitam ampliar debates sobre as questões considerando particularidades da atualidade.

Marx (2004) explicara e fundamentara no século XIX a composição do corpo social, na progressão das investigações sobre a produção social da própria existência como condição humana.

8

Assim, o ser humano, da sua condição existencial, encontra energia em um processo coletivo (social no tempo e no espaço) em que relações produtivas procuram dar segurança à vida (gerando instrumentos para melhorar as relações humanas).

Destarte, a base da sociedade atende pela estrutura econômica, complexo em que através dos tempos, das gerações, com a criação de instrumentos, conhecimentos residentes nestes instrumentos são sistematizados, e, transmitidos intergeracionalmente.

Como ressalta Leontiev (2004), a criação de certo instrumento modifica as relações humanas, e, leva a propagação de certo conhecimento em uma sedimentação intergeracional, assim, abrindo possibilidades para novas criações que, ainda no por vir, modificarão as relações humanas em potência.

Sendo a produção da própria existência algo incessante, movido por contradições entre aquilo que existe, aquilo que não existe, e, aquilo que em perspectiva procura eclosão existencial, tais contradições são inerentes à potência criacional.

Este processo criacional, ou seja, de produção da própria existência no tempo histórico, revela a existência humana coletiva como algo nuclear. Pois, a comunicação entre gerações denota uma coletividade temporal. Disto, ainda cabe observar que o caráter coletivo se mostra no espaço compartilhado pelos sujeitos à certa época, do corpo social ativo é que se torna possível certa pessoa, ou, certo grupo, realizar certa criação. Disto, a rede de sustentação dos indivíduos é coletiva, assim, a segurança dos indivíduos para poderem dedicar tempo biográfico a certa criação tem origem coletiva.

Ou seja, dos povos primitivos até a atualidade, por exemplo, morar, comer e beber são seguranças fundamentais de uma rede complexa. Tais seguranças advêm do corpo social, e, sustentam condições para que um indivíduo interessado, um cientista, um médico, ou, um técnico, possa dedicar seu tempo a uma criação específica que venha transformar as relações sociais.

Esta criação, então, se tornará parte de uma rede complexa futura de segurança para novas criações.

O caráter coletivo se mostra nuclear, na medida do reconhecimento de que o capital promove uma sobreposição do individual em relação ao social, a qual procura corroer as possibilidades de grupos sociais aprofundarem estudos e buscarem uma existência coletiva.

9

Assim, em um longo processo que encontra origem no colonialismo histórico, na escravização e na acumulação primitiva, origem como um terreno para eclosão da revolução capitalista, burguesa ou liberal, e, a constituição do que atende por Estado na modernidade e pós-modernidade, as sociedades vêm alimentando relações opressivas, fundadas no egocentrismo (individualismo em detrimento do social).

Como explicou Marx (2004), relações no tempo histórico denotam a luta de classes como cerne das sociedades, fundadas na exploração da potência humana por interesses particulares atrelados ao desejo de poder (para manter a exploração) e satisfação biográfica (do desejo indiscriminado que satisfeito prejudica a humanidade), naquilo que se constitui como luta de classes: a luta entre opressores e oprimidos.

Esta sobreposição do individual em relação ao social encontra expressão capital pela propriedade privada dos meios produtivos (classes opressoras), e, assim, a meritocracia dos exitosos (massas populares cooptadas e capitalizadas - distribuídas em uma escala de ganhos), e, a culpabilidade dos fracassados (oprimidos pela miséria ou baixa remuneração).

No capital, o individualismo procura explicar ilusoriamente a existência humana, e, sacrifica todo o saber histórico ao esquecimento. Alimentando a noção de caos e aleatoriedade, sendo a criatividade algo individualizado (meritocrático e aleatório) que eclode do caos pela efemeridade dos laços momentâneos oportunistas (momentos de possibilidade de aumentar a acumulação dos meios produtivos, ou, de crescer na posição social no mercado em escalas remuneratórias).

Do laço opressores e oprimidos, diante de uma estrutura econômica fundada no egocentrismo e exploração do outro, se levanta uma superestrutura correspondente, um superestrutural que atende pela complexidade política e jurídica, como é possível compreender em Marx (2004). Ou seja, a classe dominante, exploradora, proprietária dos meios de produção, domina a circulação de ideais e ideias fundantes para a sociedade, tal ideário circulante, tal conjunto ideológico, projeta o campo político e jurídico para sustentação e expansão dos dominantes.

Do acima exposto, da estrutura produtiva egocentrada na personalidade dos dominantes, se levantam maneiras de organizar a sociedade politicamente para alimentar nas massas uma existência estritamente egocentrada em ideias de crescimento individual para se tornar dominante. Um voluntário submetimento às classes dominantes, buscando um lugar de prestígio junto aos dominantes, daquilo que Freire (2019) explica como a opressão que reside no oprimido, do oprimido que sonha em ocupar a posição de opressor.

Juridicamente, o submetimento exercido politicamente se projeta como norma de conduta com caráter coercitivo, obrigatório e punitivo. E, neste sentido, as classes dominantes passam a ditar documentos normativos atinentes à satisfação de interesses particulares. O que no capital resta expresso no mercado e sua efemeridade, vocacionando o processo de desenvolvimento humano ao mercado. Em uma ética educativa que deixa de ser universal (coletiva) e passa a ser estritamente de adaptabilidade (individual) à geração de uma força produtiva humana dócil e controlada pelo egocentrismo dominante, e, o egocentrismo projetado nos dominados, como explicou Freire (2019).

Do capitalismo, do agravamento da existência egocêntrica como resposta à manutenção da dominação, do impedimento da organização dos dominados, Duarte (2004) denota para o século XXI uma tendência ao individualismo como marca da personalidade do ser. E, assim, conduz intensa reflexão sobre o aprisionamento da potência humana em celas biográficas, das

existências que deixam de colaborar, criticar e transformar, e, passam a coexistir e replicar um padrão de sobrevivência para muitos, e, de satisfação de desejos incessantes para poucos.

Este aprisionamento da potência humana ocorre na mitigação do pensamento crítico, reflexivo, colaborativo, e, tal mitigação se constitui de um desprezo e relativização do tempo histórico, restando as biografias das massas atreladas a uma replicação utilitária do que existe, porém, não mais questionando o que não existe, e, não mais tensionado aquilo que pode vir a existir.

Estando o capital em uma incessante espiral contra tendencial, em que precisa conter conflitos dos oprimidos renitentemente, ou seja, a organização dos oprimidos se mostra algo impossível de impedir, porém, a contenção vem apresentando estratégias diversas. Assim, a ordem mundial de mercado busca conter conflitos e manter a produção nos moldes postos, restando o uso indiscriminado da violência física algo contraproducente, do que, a violência simbólica (ideológica) aliada a violência física pontual tem se mostrado mecanismo exitoso.

Nesta perspectiva, mecanismos de controle e vigilância se mostram indispensáveis. E, disto, Chauí (2020) elabora sobre a desapareição do tempo e do espaço, oriunda das novas tecnologias de comunicação e informação. Assim, pulsam plataformas de trocas sociais, plataformas de serviços, plataformas governamentais, operadas a partir dos ditos *smartphones*.

11

Um movimento de plataformização da vida e um condicionamento da existência pela absorção e valoração de informações em detrimento de uma reflexão crítica no laço passado, presente, e, futuro.

Em que o tempo útil e fomentado trata do tempo imediato e efêmero do acesso e circulação da informação com potência para engajar rapidamente (desaparição do tempo histórico), o espaço útil é aquele impactado pelo raio de circulação informacional (desaparição das regiões e regionalidades não convertidas em carga informacional), sendo a informação algo lucrativo incessantemente pela concepção da criação de frustrações, e, conseqüentemente, desejos, incessantemente.

Do que, este processo se alinha com uma crescente agressividade do capital mundial, em grande peso dos países do centro capitalista, produtores de tecnologia. Na medida que passa a surgir um novo colonialismo, iniciado por uma avalanche de violências simbólicas que se convertem em violências físicas, fomentando aristocracias locais em atendimento aos interesses do grande capital – na forma de levantes ditatoriais progressivamente explícitos.

Neste sentido, Faustino e Lippold (2023) apresentam o colonialismo digital como a atual condição macro do grande capital imperialista. Assim, na forma de um sistema de controle mundial refinado para atuar coletando traços comportamentais estatísticos, e, realizando relatórios sobre a necessidade de intervenção, seja para expandir lucratividades pelo produtivismo por instigação e predição de frustrações e desejos, ou, seja para reprimir resistências ao capital, desmobilizar e gerar meio de sustentação e expansão do ideário capitalista (liberal e neoliberal mercadológico imperialista).

Interessante ressaltar que no tocante à educação infantil, considerando a primeira infância e o desenvolvimento das estruturas mentais afetivas que conduzirão às estruturas mentais racionais, lógicas e éticas (em um complexo entre o id, ego e superego nos termos da psicanálise), estas denotam o ambiente de convivência das crianças e o lúdico que dali se levanta como uma arena de disputas.

Com urgência, cabe observar um grande ataque e dominação pela ideologia capital no sentido de uma conformação utilitária mercadológica prévia – em que mentalidades são permeadas incessantemente por padrões de comportamento advindos das plataformas digitais dispostas em um cotidiano escolar progressivamente (plataformas de ensino – roteiros de certo desenvolvimento que insere o docente como mero tutor, mero corretor de erros no processo  
12  
plataformizado), e, para além do escolar (no contato diário familiar com tais plataformas, absorvendo possivelmente ideários circulantes). Assim, a brincadeira se torna alvo de intencionalidades difusas no mundo digital crescente, em um mundo que apela à necessidade precoce de contato com a tecnologia, descartando críticas quanto a conformação ali residente. Situacional que remonta uma tendência progressiva em gerar satisfações efêmeras como meio de desenvolvimento.

Neste momento, não se tornar estranho observar o relacional entre afetividade, padrões de comportamento, significado e sentido no processo social de desenvolvimento das subjetividades. Este processo psicológico com fundo sociológico, ou seja, das referências absorvidas pelos sujeitos a partir da vida coletiva experimentada dia após dia, carece de provocações indispensáveis à esta época de corrosão da ordem mundial e com projeção nas ordens locais. Em que os sujeitos são progressivamente cooptados por uma ignorância útil ao projeto corrosivo.

Inclusive ao dar especial atenção à vivência infantil, de tal forma que os padrões afetivos absorvidos nesta fase possam ser analisados como mecanismo indispensável a um conformismo idealizado para fase adulta.

## **2.2 Mente, personalidade e condicionamento ambiental**

O teórico Vigotsky (2004) sofreu progressivamente no ocidente um afastamento do universo marxista, ou, do universo do materialismo histórico dialético, em que os seus estudos foram realocados por um relativismo indevido no sentido de se tornarem utilitários ao mercado imperialista.

Ocorre que a teoria, em suas bases que consideram a verdade histórica, procura reconhecer o ser social e a formação social da mente, estando o coletivo como o núcleo inviolável do desenvolvimento humano.

Assim, dois grandes conceitos são necessários, o sentido e o significado. Grandes conceitos, pois, ocupam uma complexidade que não pode negligenciar a sociologia e não pode negligenciar a psicologia, realizando uma análise conjunta sobre a existência humana em um progressivo processo de transformação da realidade e adaptação. Em que significados advêm do coletivo histórico em um processo histórico de produção social da existência.

13

Tais significados na forma de palavras, enunciados, explicações, ou, as relações com o ambiente vivido, acabam por concentrar conhecimentos elaborados pela humanidade. Estes significados atacam os sentidos, atacam a percepção do sujeito em suas fases da vida exigindo uma adaptação para utilizar o que existe como forma de sobreviver e viver, e, em máximo alcançar novas transformações que exigirão novas adaptações.

Assim, a educação infantil se mostra um primeiro estágio de contato sistematizado com aquilo que fora produzido historicamente e se apresenta no cotidiano da criança. A problemática evolui no sentido dos significados circulantes, na medida de um senso comum, disto, em um processo educacional pelo imediato vivido no senso comum se perde a necessidade no sujeito para refletir sobre o processo histórico de produção.

Perde-se a motivação na subjetividade para investigar para além do vivido, ou seja, essa perdição permite uma aceitação irrestrita do vivido pela apreensão estrita de utilidades do que está acessível a cada etapa do desenvolvimento. Os sentidos passam a forjar funções mentais que valorizem apenas o utilitário, sem um questionamento sobre como aquilo surgiu e pode ser transformado.

Naquilo que Leontiev (2004) prossegue estudos sobre o laço necessidade, objetivo e objeto, na medida da ordem social. O desenvolvimento humano se funda neste relacional, em que certa necessidade conduz o ser a realizar certos objetivos, e tais objetivos atuam no processo criacional, assim, o ser cria instrumentos que passam a transformar as relações humanas, e se fixam nas operações, em um processo incessante de produção da própria existência diante de gestar seguranças à vida.

Estes instrumentos passam por uma replicação intergeracional, transmitidos como conhecimentos, tornam-se objetos que constituem um patrimônio da humanidade, não pela estrita utilidade circulante, que forja significados circulantes, mas, por seu processo histórico de produção que permite avanços no futuro, na incessante potência humana produtiva.

Porém, o capital em seu individualismo, em seu egocentrismo (valorização apenas da experiência biográfica), despreza os coletivos regionais (dos laços produtivos no espaço), despreza o coletivo histórico (dos laços produtivos no tempo), e, atua no convencimento das massas populares na apreensão da estrita utilidade das coisas, sem questionamentos do processo histórico que conduziu ao presente. Restando o presente como um complexo utilizado para aprisionar sujeitos como oprimidos em favor da expansão da lucratividade.

De tal aprisionamento, a complexidade necessidade, objetivo e objeto se perde da libertação humana das necessidades materiais para preservação à vida. A necessidade se torna o necessário ao mercado mundial imperialista, os objetivos da força existencial dos sujeitos se tornam os ganhos possíveis nas relações de compra e venda, e, os objetos de estudo se tornam estritamente aquilo que deve ser apreendido para ser utilizado na obtenção de ganhos individuais.

As subjetividades sofrem uma alienação, em que a existência não se destina a preservação da vida, mas, a uma escala de distribuição de ganhos, ou seja, ao pertencimento dos sujeitos a uma escala de poderes aquisitivos e desejos por maiores ganhos, ou, da sobrevivência aos que vivem com o mínimo acessado para restaurar seu retorno à estrutura produtiva opressiva.

Neste situacional, o ambiente educacional infantil, quando constituído de referências estritamente mercadológicas, do senso comum, utilitárias, passa a executar uma alienação prévia. No sentido de alimentar afetividades conformistas em relação à personalidade que atenda às necessidades, aos objetivos e aos objetos do capitalismo enquanto estrutura produtiva dominante, e, seu ideário enquanto significados circulantes.

Estes significados capitalizados atuam nos sentidos, gerando uma percepção da exigência de certa adaptação inviolável. Inviolável, pois, é cobrada pelas relações das convivências imersas em um ambiente imposto. Não se mostra exagero considerar que o lúdico que se levanta de tal ambiente atende ao aprofundamento de tais significados no forje da personalidade.

Destarte, um ambiente educacional infantil que preze pelo ensino das relações de compra e venda como fundamento para matemática, ou, preze pelo desenvolvimento da lógica sem narrativas que remetam ao processo histórico que constitui a concepção do que se trata a lógica, ou, a alimentação mítica e religiosa predominante sem narrativas que remetam aos povos e suas diferenças, ao colonialismo e sua complexidade no tocante à história e à sociologia, prepara uma afetividade que valorize estritamente o senso comum circulante em detrimento de uma afetividade questionadora.

Provocar a educação infantil, provocar educadores como cientistas do desenvolvimento humano com fundamento no reconhecimento da produção humana de sua existência, se mostra uma urgência na reflexão sobre os significados que atuam nos sentidos e forjam as afetividades que se propagarão da infância para toda a biografia, como traumas, limitações de pensamento, e, conformismo.

Pois, as discussões sobre as demais etapas do processo educacional, da proximidade da adolescência, na adolescência, e, na fase adulta, são necessárias e indispensáveis para uma educação para além do capital como é possível observar em Mészáros (2011), mas, acabam por encontrar subjetividades conformistas quando a educação infantil não participa de tal tensionamento.

15

E, se mostra interessante observar que as atuais plataformas digitais, que alimentam esta plataformização da vida, centram esforços na manipulação emocional das massas populares, uma manipulação que se mostra alimentada desde a infância.

Em que surge um estabelecimento nas subjetividades de uma valorização da estrita carga informacional, do imediato, da utilidade das coisas, dos ganhos possíveis ao aceitar e se conformar aos ganhos imediatos. Assim, tais redes se tornam meios de catálise de frustrações e desejos, sem reflexão, atuando na expansão de vivências frustradas em busca de desejos insustentáveis úteis à administração de lucros regionais e globais.

A alienação prévia pela gestação de afetividades úteis se mostra uma mercadoria necessária, objetivada e propagandeada pelos teóricos educacionais do capital, em que pesa a

projeção de objetos conformistas na seara da infância e uma ludicidade controlada pelas relações de lucro.

De tudo acima exposto, resta observar as teorias pedagógicas existentes e o potencial para conformação ou resistência no âmbito da educação infantil.

### 2.3 Tendências pedagógicas e infância

Libâneo (2014) elabora sobre as tendências pedagógicas existentes, explicitando o embate entre classes opressoras e oprimidas no interior do capital, e, denotando características fundamentais de reconhecimento, disto vale observar o quadro abaixo:

**Quadro 1 - Tendências pedagógicas - Síntese**

| Tendência                                                                                 | Aderência sociológica e de desenvolvimento                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tradicional; Renovada Progressista; Renovada não-diretiva; Tecnicista;                    | Há um apego a pedagogia liberal, com eufemismos como avançar, democratizar ou abrir a educação à sociedade, porém, atendem estritamente ao capitalismo e o forje de uma personalidade individualista;      |
| Libertadora; Libertária; Crítico-social dos conteúdos ou Histórico-Crítica em D. Saviani; | Proporcionar aos alunos conhecimentos para transformar a sociedade, forjar uma personalidade crítica e reflexiva pelos saberes da humanidade, em uma convergência de resistência às imposições do capital. |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2026)

De forma geral, aquilo que pulsa trata de um bloco de tendências que apoiam a sustentação e expansão do capital, e, bloco oposto que procura resistir ao capital e levar uma educação científica pela produção humana histórica.

Disto, as tendências liberais, ou seja, capitalistas, exploram um desenvolvimento conformista que vai desde a perspectiva tradicional, atuante na replicação de objetos impostos aos alunos e cobranças severas de reprodução, até as perspectivas que dão um ar eufêmico a este conformismo.

Assim, as eufêmicas conduzem os alunos a aprender apenas o que interessa a sua biografia ou aprender técnicas úteis ao mercado de forma individualizada à classe social ocupada, sem uma severa cobrança que dá lugar a uma satisfação em saber aquilo que tem certa afinidade.

Aquilo que pulsa é um saber fazer estrito, aprisionante de certa subjetividade à posição que ocupa no capital, em que pesa uma maneira eficiente de reprodução de proletários

necessários à acumulação regional, ou, mundial, do capitalismo que se organiza para expandir lucratividades. De tal forma que surge um apelo ao individualismo, ao egocentrismo, em que o sujeito passa a forjar sua mente pelo imediatismo, pelo senso comum que lhe cabe, mitigando ciências que tragam reflexão para além da utilidade, mitigando uma reflexão para ciência histórica.

A personalidade forjada no estrito apreender técnicas úteis apresenta um desenvolvimento humano com desprezo à sociologia, à psicologia, e em muito à filosofia. Ou seja, o ser passa a ocupar uma posição utilitária no posicionamento ofertado pelo capital, sendo o capital uma ordem mundial não questionada, e, aceita incondicionalmente. Pois, o sujeito abandona a investigação sobre os saberes produzidos pela humanidade em um processo histórico, e, estritamente valoriza aquilo que pode utilizar para sobreviver, manter, ou, ampliar ganhos no capital.

As perspectivas de resistência ao capital apresentam o processo educacional pela reflexão e crítica a partir das necessidades dos trabalhadores, procurando investigar a produção social humana e os laços de opressão. Seja de forma informal, nos sindicatos e organizações de trabalhadores, seja formal no currículo e na instituição escola, a partir de transformar práticas educativas e professores comprometidos com a ciência histórica em detrimento das exigências do mercado.

17

Libâneo (2014) elabora sobre a defesa da perspectiva crítica-social dos conteúdos, ou, daquilo que Saviani (2013) explica como Histórico-Crítica. Assim, insta o reconhecimento de necessidades, objetivos, e, objetos do conhecimento na experiência humana histórica, e, como tal produção é coletiva, é patrimônio da humanidade, e, não propriedade privada de alguns.

Esta investigação sobre a coletividade humana, e, como a preservação da vida se mostra indissociável desta, representa um risco a sustentação e expansão do capital. Na medida da geração de massas populares conscientes de como o sociológico ataca a existência psicológica, e, tal consciência permite agregações proletárias para além do capital.

Da educação infantil, a valorização de uma afetividade construída no movimento de não desprezo dos povos originários, não racista e antirracista, não colonial, com elementos ambientais que passem a forjar referências de resistência, e, conduzir racionalidades históricas por uma ludicidade não linear, de não aceite do capital com uma ordem evolutiva, representa uma ruptura incessantemente atacada pelo capital no movimento de impedir discussões sobre a temática.

#### 2.4 Uma experiência educativa possível - das Relações Étnicas na infância

O desenvolvimento de um trabalho intencional voltado à educação das relações étnicas, compreendendo a importância de promover, desde a primeira infância, o respeito, a valorização e o reconhecimento da cultura afro brasileira, tem se mostrado responsável por uma ruptura na sociedade brasileira.

Ruptura sensível seja pelo sistema de cotas e o acesso ao conhecimento nas universidades para camadas populacionais outrora oprimidas, e, negligenciadas (como uma pequena reparação à população escravizada, e, marginalizada), assim como, pelos levantes conservadores que procuram remover e criminalizar a política pública recém-criada, nos últimos treze anos (Lei 12711/2012).

No tocante à educação infantil, a centralidade na ambientação da sala é um dos principais pilares de um trabalho de formação histórica e Étnica, que ocorre no processo de humanização diante do contato com o outro, com a diferença, com a coletividade. O espaço se mostra algo a ser pensado para que as crianças se reconheçam e se sintam representadas em suas possibilidades afetivas existentes e em potência.

Ou seja, a organização de espaços com bonecas e bonecos negros, em conjunto com demais Etnias; livros de literatura infantil com protagonismos afrodescendentes e as relações entre povos, regiões e países; painéis com referências às personalidades negras nas regiões; elementos da cultura africana e afro brasileira, assim como, dos povos originários, como tecidos estampados, máscaras, instrumentos musicais e imagens que retratam a diversidade tons de pele, cabelos e traços.

Além da ambientação física, se torna indispensável promover rodas de contação de história, apreciação musical, exploração de ritmos como samba, bem como, atividades artísticas inspiradas em símbolos e grafismos africanos, e, dos povos originários. Trabalhando, por exemplo, a valorização do cabelo crespo e cacheado por meio de histórias, espelhos e momentos de autocuidado, fortalecendo a autoestima das crianças.

É necessário gerar o engajamento docente, perceber que essa prática contribui significativamente para o despertar do respeito e da empatia. As crianças passam a reconhecer as diferenças como algo natural e positivo, aprendem a valorizar a própria identidade e demonstram atitudes mais acolhedoras nas interações cotidianas. Comentários que antes poderiam carregar estereótipos dão lugar a falas de admiração e curiosidade respeitosa.

A educação infantil é um espaço fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, não racista, e, principalmente, antirracista. Quando a criança cresce em um ambiente que valoriza a diversidade cultural e étnica, ela desenvolve bases sólidas para o respeito e a convivência democrática, assim como, a capacidade em potência para compreender o presente historicamente, compreender o processo histórico como um movimento incessante de produção humana em suas relações.

Esse trabalho é contínuo e se renova a cada dia, pois, no tocante à educação permeada de relações étnicas, não se trata de uma ação pontual, mas, compromisso permanente com a formação integral das crianças em sua potencialidade no processo de humanização. Portanto, há de resistir um ato docente científico no sentido de reviver discussões já vividas, lutar contra silenciamentos, e, principalmente analisar a educação infantil na seara dos processos de conformação do capital com maior intensidade. Da afetividade se torna necessário ressaltar que a infância representa um singular momento de produção de prazer com as discussões complexas ou repulsa destas. E, a repulsa à complexidade alimenta o individualismo, o egocentrismo, o abandono da análise coletiva no tempo e no espaço.

Fortalecer uma afetividade que valorize a produção humana em complexidade histórica, seja por ambientes ricos em fontes de questionamentos futuros, seja em ludicidades a partir de narrativas de comunicação e apreciação do outro, apresenta possibilidades de um desenvolvimento, na adolescência ou maturidade, do analítico e do crítico pelos processos históricos em detrimento do imediatismo.

19

Ressalta-se que demais questões se mostram alinhadas com o racismo em relação aos povos Africanos, e, populações Afrodescendentes, tais como, estereótipos depositados sobre povos Asiáticos, Árabes, povos originários, e, questões de gênero, aspectos que podem ser destinados à reflexão para uma abordagem humanizadora, mitigadora de violências, mitigadora de agressividades, promotora da coletividade em complexidade.

Assim, é possível propor um breve modelo de planejamento para educação infantil, focado no ambiente, na ludicidade, e, na afetividade que ali reside:

**Quadro II** - Tríplice relacional – educação infantil

| Foco    | Necessidade                                                                                                                                    | Objetivo                                                                                                 | Objetos                                                                    |
|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| Docente | Investigar os conflitos sociais contemporâneos, das relações de opressão no tempo histórico, e, saberes humanos (determinações já investigadas | Traduzir as determinações em representações possíveis no ambiente, e, promotoras de um laço ludicidade e | Músicas, letras e melodias, filmes, desenhos animados, artesanatos, fotos, |

|                          |                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          | na ciência histórica) que permitem analisar e compreender o presente em relação ao passado (novas determinações);                                                                     | afetividade para subjetividades que valorizem a experiência humana em complexidade, mitigando pré-conceitos, mitigando a rejeição ao outro por estereótipos, mitigando a linearidade entre superiores e inferiores; | pinturas, bonecos e brinquedos, arte em geral, arte que tensiona afetos no processo de reprodução de padrões pela criança;                                                                                                       |
| Aluno                    | Desenvolver uma afetividade em relação às representações que no futuro possibilitem um pensamento histórico e científico, não linear, que aprecie a complexidade, aprecie o coletivo; | Brincar, cantar, desenhar, ensaiar uma convivência centrada na coletividade humana histórica, valorizando o coletivo complexo em detrimento de um estrito egocentrismo e suas idealizações;                         | Ao ter contato com a Arte, com as representações, possuir a liberdade para reproduzir coletivamente, e, criar novas representações;                                                                                              |
| Desenvolvimento possível | Determinações levaram a concepção de certo ambiente para imersão, tal ambiente leva a certas ludicidades que produzem afetividades;                                                   | Da percepção das afetividades desenvolvidas, e, do planejamento de retomada destas, em novas representações ao longo do ano letivo;                                                                                 | A reprodução e a criação amparadas no coletivo, permitem o desenvolvimento de uma personalidade em potência frente aos processos futuros de educação, que trarão a elaboração da ciência histórica, do coletivo humano no tempo. |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A provocação realizada neste artigo tensiona para uma inserção da educação infantil como cerne do conformismo futuro vivido pelos sujeitos, e, assim, procura levantar discussões para além de uma ludicidade de entretenimento. Ou, para além de uma ludicidade com intenção do aprender a nomear e absorver, ou seja, para além de um treinamento afetivo infantil.

Nesta possibilidade, resta conceber um ambiente que gere tensão cognitiva, ambiente que carece de uma reformulação de resistência e transformação das personalidades. Possibilidades de referências provocativas e não exibicionistas de verdades a serem replicadas na maturidade pela afeição biográfica forjada na aceitação.

Gerar uma afeição prazerosa para com o questionamento, para com a narrativa criada com o outro a partir de um ambiente que traga o outro histórico. Assim, o histórico não se distancia do planejamento lúdico na educação infantil, de mesma maneira que o histórico não se distancia da ciência nas demais fases.

A disputa econômica, política e jurídica na educação infantil carece de uma explicitação e de uma resistência pela ciência histórica. Mesmo que este artigo se mostra uma produção breve, a provocação deve permanecer, como forjar afetividades não conformistas na infância, assim não imediatistas?

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Regina de Jesus. **AS RELAÇÕES PÚBLICO-PRIVADAS NA OFERTA DE VAGAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVA DE ANÁLISE NA REVISTA FINEDUCA**, 2025.

CHAUÍ, M. O Totalitarismo Neoliberal. V. 10, N. 18, **Rev. de Teoria y Filosofia Política Clássica y Moderna**, 2020.

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44-63, abril 2004.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. In: **Cadernos Cedes**, v.24, n.62, p.64-91, abril, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FAUSTINO, Deivison. LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-Fanoniana**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 28. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MÉSZARÓS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

PASQUALINI, Juliana. Concepção de infância e políticas públicas: implicações para a educação infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 19<sup>a</sup>. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.